"O QUE ESTAMOS COMEMORANDO?": ALIENAÇÃO DO TRABALHO E SEQUESTRO DA SUBJETIVIDADE NA FESTA DO WAFFLE EM RUPTURA (*SEVERANCE*)

REJANE NUNES CAETANO CAMPOS [1];
SARAH VALÉZIA OLIVEIRA AMARAL [2];
LARA STEPHANE RIBEIRO SANTOS [2];
MARIA LUÍZA SOUZA FERREIRA [2].

[1]*Universidade Estadual de Montes Claros – rejane.campos@edu.unimontes.br*
[2]*Universidade Estadual de Montes Claros – sarah.oliveira9212@gmail.com*
[2]*Universidade Estadual de Montes Claros–lara.santos@edu.unimontes.br*
[2]*Universidade Federal de Viçosa – maria.s.ferreira@ufv.br*

Introdução

A alienação do trabalho manifesta-se em duplo sentido: o econômico, caracterizado pelo alheamento do indivíduo em relação ao produto de seu esforço, e o psicológico, marcado pelo alheamento em relação ao processo de trabalho e ao próprio pensar, o que culmina no controle psíquico e no "sequestro da subjetividade" do trabalhador pelas organizações corporativas (Faria; Meneghetti, 2007). Esse conceito encontra na ficção contemporânea representações que o atualizam como, por exemplo, a série Ruptura (2022) que apresenta uma forma ficcional de gestão levada ao limite, na qual os trabalhadores de uma empresa submetem-se a um procedimento cirúrgico que divide sua memória entre vida pessoal e vida profissional. O "eu do trabalho", denominado *innie*, não retém qualquer lembrança do mundo externo; o "eu de fora" (*outie*) nada sabe sobre o que ocorre dentro do escritório.

A obra seriada, em sua primeira temporada, acompanha os funcionários do departamento de Refinamento de Dados Macrométricos da *Lumon Industries*, confinados em um andar subterrâneo sem janelas, sem relógios e sem qualquer contato com o exterior. Essa ficção simboliza a alienação exacerbada do sistema capitalista contemporâneo (Alencar; Aquilino, 2024), ilustrando os perigos de uma cultura corporativa que busca o controle absoluto sobre as identidades. Nesse cenário, a linguagem e as dinâmicas de poder são mobilizadas para modular as subjetividades (Biadeni, 2022), produzindo uma versão docilizada e idealizada do sujeito trabalhador, em uma nítida separação de sua vivência integral.

Entre os episódios que compõem a temporada, uma cena em especial condensa, em menos de três minutos, as principais dimensões da alienação que a série explora ao longo de seus nove episódios: a "Festa do Waffle", recompensa oferecida pela empresa aos seus funcionários pelo cumprimento de determinadas metas (Ruptura, 2022, temp. 1, ep. 8). Apesar de breve e revestida de um tom cômico/bizarro, a cena condensa determinações importantes que justificam uma análise dedicada, criticamente modulada, que traga à baila suas possíveis correlações com a realidade. Nela, o personagem celebra sem saber o que está celebrando, desconhece as metas cumpridas, não tem acesso ao produto do seu trabalho e não compreende o processo do qual participa. É exatamente essa dissociação que confere à cena um estatuto relevante para a teoria organizacional crítica, ilustrando o momento em que a

organização se apropria do domínio emocional e psíquico do sujeito de forma furtiva, privando-o de sua autonomia (Faria; Meneghetti, 2007).

Neste sentido, o presente resumo objetiva apresentar uma análise da cena em questão à luz de reflexões seminais dos Estudos Organizacionais (EOR) brasileiros acerca da alienação do trabalho. A questão que orienta a investigação parte da própria cena – *o que estamos comemorando?* – e permite apreender o que essa ausência de resposta demonstra sobre a separação entre o trabalhador e o sentido do seu próprio trabalho. Evidencia-se, assim, a representação de um estado de alienação máxima, no qual o indivíduo, imerso em um controle burocrático e ideológico, é destituído de sua capacidade reflexiva e transformado em um mero instrumento, incapaz de se reconhecer em sua própria atividade vital.

Análise fílmica como método: desconstrução e distanciamento crítico

O trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter interpretativo e crítico, utilizando a análise fílmica como principal orientação metodológica. No âmbito dos EOR, o uso de obras cinematográficas é um recurso capaz de revelar os sistemas simbólicos e o significado da experiência organizacional contemporânea na qual os indivíduos estão inseridos (Ipiranga, 2005).

Assim, a investigação assume a ruptura categórica com a postura do "espectador normal" – movido predominantemente pela passividade e pela fruição do lazer –, adotando-se a postura racional e investigativa do analista, que opera por meio do distanciamento (Vanoye; Goliot-Lété, 2002). Nesse sentido, o método baseia-se na "desconstrução" do texto fílmico, um processo que consiste em despedaçar, extrair e isolar os elementos constitutivos da obra que não se percebem isoladamente em uma primeira visualização (*ibid.*). De forma aplicada, recorre-se aos procedimentos de decupagem e segmentação, que permitem dividir a obra em unidades narrativas autônomas ou blocos temáticos (Ipiranga, 2005). A partir desses recursos, o material empírico é a cena da Festa do Waffle, apresentada no episódio "*What's for dinner*" (Ruptura, 2022, temp. 1, ep. 8), selecionada por condensar, em pouco menos de três minutos, manifestações centrais de alienação do trabalho.

Em termos de fundamentos teóricos, a decodificação da obra ancora-se nas contribuições de textos seminais dos EOR. Para tanto, mobilizam-se as reflexões de Tragtenberg (2006), que analisa a burocracia como forma de dominação que separa sistematicamente o trabalhador do controle sobre seu próprio fazer; de Motta (1990), que aprofunda a dimensão subjetiva desse processo, mostrando como a organização retira do sujeito sua autonomia; e de Meneghetti e Faria (2007), que articulam o conceito de controle psicossocial e o "sequestro da subjetividade", evidenciando a captura do domínio emocional dos indivíduos. A seleção desse referencial não se restringe à confirmação de conceitos previamente definidos, como se a peça audiovisual fosse apenas um exemplo a mais. O que se busca é usá-los como instrumentos de visão, isto é, ferramentas ativas que ajudam a enxergar, nas entrelinhas da cena, dimensões de estranhamento e controle que uma leitura sem teoria não alcançaria.

A Festa do Waffle como alegoria

A cena da Festa do Waffle trata-se de uma representação intensa e quase alegórica da alienação do trabalho. A desconstrução deste trecho, isolando seus elementos visuais, sonoros e narrativos, permite observar as engrenagens ocultas da dominação burocrática, atuando não

apenas no controle físico do indivíduo, mas na captura de sua identidade. A sequência constrói uma atmosfera que contrasta a assepsia corporativa do restante da série com o aspecto ritualístico da comemoração. A câmera acompanha o personagem Dylan sendo conduzido por Milchick – "supervisor de bem-estar" –, por um corredor branco, chegando à "Ala da Perpetuidade", setor que abriga uma réplica da casa do fundador da empresa, Kier Eagan (Ruptura, 2022). Dylan se senta sozinho à mesa e come uma pilha de *waffles* com calda, perfeitamente arranjados.

Ao término da refeição, Dylan encontra no fundo do prato a mensagem inscrita: "vá para a cama do fundador". Ao erguer os olhos, o personagem se depara com uma máscara do rosto de Kier e um chicote (*flogger*) à sua espera. O ápice do bloco narrativo ocorre quando o personagem veste a máscara e senta na cama, sendo cercado por quatro *performers* também mascarados, representando os quatro temperamentos da filosofia de Kier Eagan. O grupo executa uma dança lenta, erótica e ritualizada, sob iluminação dramática e trilha sonora solene. O transe corporativo é interrompido porque Dylan abandona o ritual antes de seu desfecho para cumprir o plano de ativar o protocolo de horas extras.

A leitura analítica deste material transcende a literalidade do roteiro para refletir o agudo processo de alienação do indivíduo. A recompensa oferecida ao personagem é real, mas seu sentido pertence inteiramente à organização. É possível identificar pelo menos três manifestações da alienação articuladas aos referenciais utilizados. A primeira é a alienação em relação ao corpo e ao desejo: Dylan não escolhe nem reconhece a recompensa como sua, o prazer é entregue codificado e ritualizado pela Lumon. A segunda é a alienação em relação à identidade: para vivenciar o prazer que a empresa oferece, Dylan precisa literalmente vestir outro rosto, a máscara de Kier Eagan. A terceira é a instrumentalização do afeto pela ordem institucional: Dylan não demonstra angústia, não questiona o ritual e não estranha o que lhe é oferecido.

A análise da cena da Festa do Waffle enquanto artefato de significados revela como sentimentos de recompensa são tornados visíveis para mascarar a natureza real do trabalho. Segundo Tragtenberg (2006), a burocracia frequentemente assume um caráter ideológico ao refletir de forma distorcida o real para servir aos interesses das classes dominantes. A cena em questão exemplifica a crítica do autor a partir da manipulação feita com Dylan, ao aceitar a recompensa que satisfaz expectativas de comportamento da organização em troca de aceitação ritualística, sem de fato saber o que se está comemorando (Tragtenberg, 2006). O controle não precisa se explicar porque o dominado não possui os meios cognitivos para questioná-lo. A *Lumon Industries* representa a burocracia descrita por Tragtenberg em sua forma máxima, uma dominação que nem sequer precisa ser encoberta, porque seus sujeitos foram privados da capacidade de percebê-la (Tragtenberg, 2006).

Com base em Motta (1990) é possível compreender que a alienação não se dá apenas no plano da produção, mas também no plano do reconhecimento. O trabalhador alienado não se vê no que faz: o produto lhe é estranho, o processo lhe é opaco e a satisfação que eventualmente experimenta não decorre de uma realização que possa chamar de sua. Na Festa do Waffle, isso se manifesta de forma clínica, visto que a celebração é real, os personagens de fato sorriem, mas o conteúdo da celebração escapa inteiramente. O sentimento existe; o sentido, não.

A cena ainda ilustra o que Faria e Meneghetti (2007) conceituam como o "sequestro da subjetividade". Dylan celebra uma meta batida, mas se encontra alheio ao processo de produção, pois não compreende a natureza do trabalho que opera. O *waffle* e o ritual subsequente funcionam como o simulacro de uma troca justa, escondendo que a relação real é

de exploração e dominação psicológica. Mais do que isso, a recompensa corporativa atua como uma armadilha por meio da oferta de pequenos gozos narcísicos e privilégios ilusórios, a organização captura a autonomia do sujeito e o vincula afetivamente à empresa (Faria; Meneghetti, 2007). Além disso, é possível perceber, ao longo da série, como o personagem só se reconhece em si mesmo através das metas atingidas no refinamento de dados. Ele deixa de ser um sujeito autônomo para transferir o seu ideal de realização inteiramente para a organização, fundindo a sua própria identidade à da Lumon. Nesse processo, o trabalhador abdica de seu domínio psíquico em favor do coletivo corporativo, de modo que o poder da empresa aparece para ele como a única realidade possível (*ibid.*). Celebrar sem saber o quê é a descrição exata de uma subjetividade esvaziada e sequestrada. O *innie* que come seu *waffle* com entusiasmo é um sujeito cuja relação com o sentido foi bloqueada antes mesmo de se formar, pois a empresa se apropriou sorrateiramente da sua capacidade de reflexão e de elaboração do próprio saber. Ele não sabe o que celebra porque, na lógica do sistema de controle que o produziu, essa pergunta simplesmente não tem lugar. Este é o momento em que a alienação se completa: quando o trabalhador, destituído de sua capacidade crítica, abraça o seu cativeiro psicológico e deixa de estranhar o próprio estranhamento.

Considerações Finais

A cena da festa do waffle, na série Ruptura (2022), condensa, em formato audiovisual contemporâneo e acessível, um problema que a teoria organizacional crítica vem elaborando há décadas: a separação entre o trabalhador e o sentido do seu próprio trabalho. Ao levar essa separação às suas consequências lógicas extremas por meio do dispositivo ficcional da divisão cirúrgica da memória, a série torna visível aquilo que nas organizações reais permanece naturalizado e invisível, servindo como uma grandiosa metáfora da alienação exacerbada no sistema capitalista contemporâneo (Alencar; Aquilino, 2024).

A análise à luz de Tragtenberg (2006), Motta (1990) e Faria e Meneghetti (2007) permite concluir que celebrar sem saber o quê é a imagem mais acabada do que a alienação produz quando opera sem obstáculos: um sujeito capaz de sentir, mas incapaz de significar. Um trabalhador que comemora porque lhe disseram que há motivo para comemorar e que, nesse gesto, revela a extensão do domínio que o organiza. Esse estado ilustra de forma cabal o sequestro da subjetividade, momento em que a organização se apropria ativamente do domínio emocional do indivíduo e o priva de sua liberdade de elaborar seu próprio saber, deixando-o à mercê dos valores produzidos pela corporação (Faria; Meneghetti, 2007).

A principal contribuição deste resumo está em demonstrar que a cultura *pop* pode servir como objeto legítimo e fértil para a pesquisa organizacional crítica, não apenas como ilustração de conceitos, mas como experimento de pensamento que revela, pela ficção, aquilo que o olhar direto sobre o trabalho tende a deixar escapar. Contudo, cumpre apontar as limitações inerentes a este trabalho. Por tratar-se de um resumo concebido originalmente como uma proposta pedagógica no âmbito da tutoria em Teorias das Organizações, a análise não tem a pretensão de esgotar o debate sobre a temática. Seu propósito primordial consistiu em exercitar o pensamento crítico das autoras, promovendo um diálogo profícuo entre o referencial acadêmico e a cultura *pop*. Longe de ser um demérito, essa estratégia metodológica reforça o uso da narração fílmica como um poderoso instrumento da ação formativa. Assim, a decodificação da peça audiovisual em tela operou como uma ponte lúdica e reflexiva para o desvelamento das complexas relações de poder na vida corporativa contemporânea (Ipiranga, 2005).

Referências

ALENCAR, H. A.; AQUILINO, L. N. Trabalho e alienação ao longo da história: o papel da redução da jornada e a crítica na série 'Ruptura'. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 15, jul.-dez., 2024.

BIADENI, B. S. Severance: os códigos da vida corporativa e o mito do trabalho ideal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 2022, João Pessoa. **Anais...** [S.l.]: Intercom, 2022.

FARIA, J. H. de; MENEGHETTI, F. K. O seqüestro da subjetividade. In: FARIA, J. H. de (Org.). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 45-67.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. A narração fílmica como instrumento da ação formativa: um enfoque semiótico. **Organizações & Sociedade**, v. 12, n. 32, p. 143-164, 2005.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. **Ensaio sobre a análise fílmica.** São Paulo: Papirus, 2002.

TRAGTENBERG, Maurício. **Burocracia e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MOTTA, Fernando C. Prestes. **Organização e poder: empresa, Estado e escola**. São Paulo: Atlas, 1990.

RUPTURA. Direção: Ben Stiller e Aoife McArdle. Produção: Fifth Season; Red Hour Productions. Estados Unidos: **Apple TV+**, 2022–. Série de televisão.